

AS TRANSFORMAÇÕES NA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NAS UNIVERSIDADES PRIVADAS E AS VIVÊNCIAS DE PRAZER E SOFRIMENTO DO DOCENTE: UM ESTUDO DE CASO.

Elaine Marinho Bastos ¹

RESUMO

Os processos de transformação do mundo do trabalho são decorrentes das transformações neoliberais impostas na atualidade. Tais condições são vivenciadas em várias organizações, dentre elas as educacionais e universidades. No aspecto privado, lidam com a adaptação às demandas do capitalismo, a transformação da identidade e a necessária adaptação dos docentes que devem estar inseridos nesse contexto dinâmico dando respostas de acordo com as demandas que lhe são impostas, adaptações relacionadas a identidade e sua percepção do trabalho. Assim, transforma-se sua forma de trabalho que, inicialmente, era voltada exclusivamente para a educação e que agora possui um aspecto de mercantilização desse processo. O trabalho é apontado como possibilidade de vivência de prazer ou sofrimento, mas em decorrência desse processo transformacional acontecem adaptações que vão além dessa definição inicial, pois envolvem contextos de alienação e intensificação do trabalho no universo vivenciado. O artigo apresentado busca identificar a possível relação entre as transformações do mundo do trabalho, voltados para o contexto das universidades privadas, as metamorfoses da identidade, o docente inserido e suas atividades transformadas, com suas consequências na saúde psíquica, dentre elas o prazer e sofrimento.

Palavras-chave: Docência, Trabalho, Identidade, Prazer e Sofrimento.

INTRODUÇÃO

Vivemos na atualidade uma dinamicidade das configurações societárias e do trabalho, bem como das identidades contemporâneas. Muitas dessas mudanças vêm sendo percebidas diante da realidade laboral, com intensificação e inclusão de atividades mais amplas, além da responsabilização do trabalhador por sua qualificação e autogestão de tempo e trabalho. Percebe-se um processo de absolutização do trabalho, tendo como consequência a alienação e estranhamento, mudança na identidade, ampliação do sofrimento diante do trabalho precarizado e intensificado, repercutindo na vida social como um todo.

Os profissionais enfrentam limites a serem ultrapassados, com valorização de superações e presenteísmos. A crescente demanda por qualidade, produção e lucro são vistos como fatores primordiais diante de um mercado competitivo. Nesse cenário, a organização do trabalho é comumente caracterizada por carga horária excessiva, ritmo intenso de trabalho, controle

¹ Psicóloga e Assistente Social. Mestre em Administração, professora curso de Psicologia Unichristus e Uniateneu, psicologia_elaine@hotmail.com

rigoroso das atividades, pressão temporal e necessidade de profissionais polivalentes (CAMPOS & DAVID, 2011).

O trabalho, segundo Dejours (2004), é toda ação que utiliza gestos, engajamento do corpo, mobilização da inteligência e identidade num mundo hierarquizado, ordenado e coercitivo, que não se limita a uma relação salarial ou de emprego em si, mas que envolve também a transformação das identidades. Diante dessa definição o engajamento real do trabalhador vem ocorrendo de forma mais ampla, como resposta a uma tarefa prescrita, mas muito mais ampla diante das pressões e cobranças por resultados imediatos.

A docência e os processos de ensino-aprendizagem vêm acompanhando esse processo de transformação, modificando a institucionalização dos processos educacionais e de formação profissional, especialmente em função das transformações no mundo do trabalho e da produção, com mudanças culturais e evolução tecnológica que repercutem diretamente sobre as condições de vida e trabalho dos docentes.

Segundo Laher (2003) a educação é um processo constitutivo das práxis sociais sendo considerado um processo fundamental da reprodução da vida humana e com essa realidade a expansão das universidades privadas tem importância no contexto da reforma da educação superior no país, com papel de crescente mercantilização da educação superior, formando o empresariado da educação.

Diante desse processo, a educação tem apresentado uma grande produção de diplomas, sem, historicamente, ter ocorrido uma expansão suficiente de vagas no ensino público, assim houve o estímulo à iniciativa privada para abertura de cursos em nível de graduação e pós-graduação (lato e stricto sensu) e, mais recentemente, a implantação do ensino à distância. Denota-se uma massificação apresentada sob a aparência de democratização.

A preocupação com as condições de trabalho e saúde dos trabalhadores tem sido tema de estudo em diversas áreas de conhecimento científico, mas o que justifica a escolha do tema para este artigo é o fato de buscar as relações de saúde e trabalho docente em relação aos contextos de mudanças e formas específicas da realidade laboral no contexto das universidades privadas, com as mudanças no contexto de ensino implantadas nas faculdades particulares.

Como docente em instituições privadas, venho buscando a compreensão dos fenômenos relacionados ao contexto laboral, suas transformações e condições referentes ao ensino superior, além de buscar respostas aos aspectos psicossociais e subjetivos associados aos processos de saúde ou adoecimento no trabalho docente.

Assim, o objetivo da pesquisa foi buscar as consequências no contexto laboral do docente nas universidades privadas, levando em conta as transformações do mundo do trabalho. Para

tanto foi aplicada uma pesquisa junto a docentes do curso de Psicologia de uma universidade privada de Fortaleza – CE. A pesquisa foi submetida ao comitê de ética da instituição pesquisa, onde após aprovação foram selecionados, por amostragem aleatória, alguns docentes para submissão da entrevista. Todos assinaram o Termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE, denotando o interesse na temática, bem como autorização na gravação das entrevistas e utilização dos resultados para análise e apresentação em eventos científicos.

Os resultados da análise apontam o contexto de exploração, vivências de adaptação pela sobrecarga de trabalho, adoecimento e sofrimento pelas mudanças decorrentes das transformações do mundo do trabalho. O docente tem passado por uma mudança de identidade progressiva e tal fato deve ser levado em conta quando ocorrer a formação e qualificação para o exercício das atividades em sala de aula.

Assim, a docência deve ser levada em conta como a ação de formação de diversas profissões, mas que vem passando por mudanças e que por esse motivo necessita de uma maior possibilidade de pesquisas no que tange a realidade vivida e as transformações vivenciadas, bem como aos mecanismos de defesa que possam facilitar a condição de adaptabilidade e não adoecimento diante da realidade vivida.

METODOLOGIA

A pesquisa proposta teve foco qualitativo, exploratório e descritivo com pretensão de apreender as mudanças na identidade decorrentes das transformações do trabalho nas universidades privadas em relação a visão do docente e suas condições de prazer e sofrimento inseridos nesse contexto de trabalho.

Aplicou-se uma análise descritiva e interpretativa dos significados simbólicos, conotativos e denotativos, padrões de comportamento e atitudes específicas, tentando apresentar a totalidade do fenômeno sob investigação, considerando o contexto tão importante quanto a ação.

Foram utilizados como métodos de levantamento de informações a observação e entrevistas com 10 professores do curso de Psicologia de uma universidade privada de Fortaleza, sendo aplicada a técnica de análise de conteúdo, para analisar o discurso apresentado em profundidade. Foram realizados inicialmente estudos bibliográficos, buscando proporcionar uma visão teórica sobre os assuntos estudados, possibilitando a inter-relação dos mesmos.

As entrevistas são instrumentos de pesquisa singular pois permitem uma maximização de obtenção de conclusões significativas, válidas e fidedignas do assunto pesquisado, como cita

Breakwell (2010). Terá uma perspectiva de interação e troca direta de informações e validação de hipóteses.

A pesquisa qualitativa busca, segundo Minayo (2010), aprofundamento e abrangência da compreensão do objeto de pesquisa e a pesquisa exploratória traz, segundo Gil (1999), o propósito de proporcionar uma visão geral do contexto pesquisado, ou seja, a apreensão da relação entre trabalho, transformações laborais, docência em universidades privadas e o bem-estar\ saúde e o sofrimento psíquico, possibilitando a formulação de bases para estudos futuros.

A amostra foi realizada por conveniência, com docentes selecionados em seu espaço cotidiano de trabalho, a partir do critério de inclusão e representação.

A análise de conteúdo teve como objetivo organizar e subsidiar os dados levantados em categorias, indicando quais as mais significativas, uma forma de analisar o aspecto qualitativo do conteúdo, como aponta Breakwell (2010), com objetivo de ampliar a compreensão dos mecanismos que regem as práticas discursivas que servirão de base de identificação da realidade, transformações subjetivas e trabalho docente.

DESENVOLVIMENTO

O trabalho vem passando por transformações mais diversas que trazem consequência para o universo laboral de todos que vivem do trabalho de forma direta ou indireta. Para Dejours (2011), o trabalho é não só um meio de sobrevivência e produção, mas também uma forma de se fazer viver e de se sentir vivo na contemporaneidade, é ação e também oportunidade de constituir uma coletividade, de viver junto.

Para Gernet e Dejours (2011), trabalhar também é se defrontar com prescrições, procedimentos e materiais ou instrumentos a serem manipulados. Trabalhar, portanto, “é tudo o que, em uma situação real, não foi previsto pela concepção, pelo planejamento e organização de uma tarefa” (DEJOURS, 2012, p. 177). Assim, o trabalhador, de forma geral, atua realizando atividades que vão muito além do que lhe é imposto como atividade real.

As relações de trabalho têm se modificado a partir de discursos propagados pelo capitalismo contemporâneo, que geram consequências para o modo de organização social ao alterar a maneira como o trabalhador se vê e é visto em sociedade. A função desses discursos individualizantes é persuadir os sujeitos de que suas atitudes podem explicar a situação em que eles se encontram, ou seja, que sua condição no mercado de trabalho é apenas um reflexo dos seus problemas individuais (SERRANO & CRESPO, 2007, p. 382).

Diante desse processo urge buscarmos compreender o fenômeno de profunda alteração do mundo laboral e tentar analisar qual o papel que cabe ao trabalhador nesse novo cenário, com superqualificação, num contexto de enxugamento de trabalhadores e subproletarização da grande maioria dos trabalhadores. As atividades produtivas são perpassadas por tecnologias digitais e formas organizacionais flexíveis, com inovação contínua e diversidade de produtos (SCOTT, 2007) e essas condições são reconhecidas como fatores que vêm contribuindo para o crescimento do sofrimento mental e dos distúrbios psicológicos de modo geral (JACQUES, 2007, p. 94).

O trabalho possuiu e ainda possui um outro viés, de duplo caráter: por um lado, é fonte de realização, satisfação e prazer, estruturando e conformando o processo de identidade dos sujeitos; por outro lado, pode também se transformar em elemento patogênico, tornando-se nocivo à saúde (SELIGMANN-SILVA, 1987).

Jacques (2007) pontua que as transformações na gestão da organização e, conseqüentemente, no trabalho contribuem para o desenvolvimento de um adoecimento físico e psíquico, fato reforçado pela afirmação de De Masi (2000) diante de uma relação desequilibrada entre tempo dedicado ao trabalho e o tempo livre (um desequilíbrio que desfavorece este último) e interfere nas relações pessoais e familiares. Os estudos sobre o adoecimento e a saúde no trabalho se deparam, no entanto, com imensos desafios teóricos, conceituais e metodológicos.

Nesse contexto busca-se delinear a realidade de trabalho docente, ligadas a realidade de trabalho transformada pelo capitalismo. Essa realidade hoje vem perpassada pelas instituições privadas que tem, como pano de fundo as mesmas conjunturas organizacionais que são apresentadas pelas demais empresas. A profissão docente, existente há séculos, atravessa, contemporaneamente um dos seus piores momentos. Todas as categorias profissionais sofreram intempéries diante do capitalismo e suas transformações, mas o docente é hoje um profissional que luta pela valorização e reconhecimento social do seu trabalho.

Segundo Esteve (2009) as condições de trabalho constituem um dos fatores principais do mal-estar docente. Tais condições afetam a saúde – física e mental dos professores levando-os ao absenteísmo e, às vezes, ao abandono da profissão. Os novos modelos impostos nos locais de trabalho vão configurar a identidade dos trabalhadores, com necessidade de novas habilidades por parte dos trabalhadores, internalização de regras, intensificação do trabalho e individualização da relação de subordinação, aumento violento da insegurança relacionada ao trabalho. O investimento passa a ser nas carreiras individuais, com pouca adesão ao emprego, pela insegurança e pouco entusiasmos, com aumento do estresse. (NARDI, 2006)

Moura (2000) revela que a maioria das pesquisas não têm demonstrado as “repercussões do trabalho sobre o desempenho profissional e, principalmente, sobre a saúde física e/ou mental dos professores”. O fato de exercerem um trabalho que pode ser definido como intelectual, acaba por diferenciá-los das demais categorias, inclusive por sua responsabilidade de formação de profissionais variados para futura atuação no universo organizacional.

A educação atualmente é dirigida e gerenciada como um negócio rentável, uma empresa de lucro possível e amplo, fato bem distante do proposto na gênese do que era educação, conhecimento e saber. Consideramos também a inserção de uma realidade de mudanças no mundo do trabalho, com suas reestruturações e tecnologias que também modificam o contexto laboral nas faculdades privadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante da realidade do mundo do trabalho, os docentes tiveram que se adaptar às características evolutivas dos processos laborais inserido nas universidades privadas, mesmo que não se tenha evoluído na melhoria das condições objetivas e subjetivas deste tipo de exercício profissional.

Percebeu-se nas falas dos entrevistados que à Universidade possui poder de reger comportamentos racionais, garantindo a ordem social, impedindo conflitos entre as atividades de trabalho impostas pela organização e o trabalho real do docente. A atividade é controlada pela carga horária disponibilizada na instituição, mas ao mesmo tempo é imposta uma sobrecarga de atividades extra espaço laboral, fato que sobrecarrega a vida pessoal do professor. A rápida transformação do contexto social e laboral, modifica a vida dos trabalhadores e tem gerado um aumento das responsabilidades e exigências sobre todos os entrevistados.

Foi unânime a pontuação de que o papel do docente tem se modificado na tentativa de atender às expectativas e necessidades da sociedade atual e das organizações as quais esteja inserido. Segundo Farber (1991) a categoria de professores sofre muitas críticas, e é extremamente cobrada em seus fracassos e raramente reconhecida por seu sucesso.

As consequências das transformações do mundo do trabalho aumentam a tensão no exercício de seu trabalho docente, cuja dificuldade aumentou fundamentalmente pela fragmentação da atividade e o aumento de responsabilidades exigidas, sem que, em muitas situações, houvesse meios e condições necessários para se responder adequadamente às novas demandas (ESTEVE, 1999). Todos apontaram a cobrança por produções acadêmicas, apresentações em eventos científicos e atividades de extensão e pesquisa, sem auxílio

institucional para essas ações. A necessidade de estar engajado era um discurso frequente e esse fato é considerado nas avaliações e pontuações de final de semestre e decisões de desligamento das universidades. Na perspectiva profissional relatam que existe uma frequente análise de comportamentos e ações desde o ingresso na instituição através de avaliações sistemáticas para a ascensão profissional, da submissão de trabalhos em eventos, artigos publicados e apresentação de projetos e de relatórios de atividades e de pesquisa, bem como por resultados diante das aprovações de alunos e resultados em publicações ou trabalhos apresentados em eventos científicos.

Diante dessas cobranças e situações de exploração laboral o trabalho está inserido numa complexa teia de controles da vida dos trabalhadores, com a cultura organizacional tendo importância nessa manipulação do fator humano, confiscando, modelando e massificando as identidades, engendrando formas singulares de gestão e trabalho. Como aponta Heloani (2010) existe a gestão da percepção e manipulação da identidade dos que vivem do trabalho, onde o sistema implantado captura o corpo e a inteligência do trabalhador, reduzindo a sua criatividade à esfera do lucro, imperando um controle disciplinar de acatamento, submissão e identificação ao poder vigente.

A organização de trabalho em si, apresenta peculiaridades que diante das transformações da atualidade levam a mudanças em suas atividades, dependendo do contexto em que está inserido. As condições produtivas e carga de trabalho dos docentes possuem, de forma primária, atividades inerentes que levam a sobrecarga de atividades, visto muitas delas serem feitas em horários que seriam de descanso ou pela necessidade premente de desenvolvimento intelectual para ampliação de seu conhecimento, caracterizado também como autogestão e autocontrole de seus processos laborais. Tais atividades reais diante do trabalho prescrito levam a um processo de afastamento familiar e sobrecarga de ações que levam ao adoecimento relatando em dores de cabeça, uso de medicações ansiolíticas, histórias de tristezas e depressão. Os relatos de culpa diante do afastamento familiar trazem relatos de casamentos em conflito e condições de culpa pelo não acompanhamento do desenvolvimento dos filhos. Mesmo com essas condições surgem relatos de condições de prazer, diante do contato com os alunos, percepção do aprendizado a partir das ações em sala de aula, bem como os contatos afetivos facilitados pela ação em sala de aula.

Deve-se ter claro que existe uma carga psíquica, inerente ao trabalho e de forma particular na atividade docente, difícil de quantificar, diferentemente da carga física que pode ser medida. Há uma relação com o prazer, satisfação, frustração, tristeza, entre outros

sentimentos que perpassam o cotidiano do trabalho, mas que são dificilmente medidos e avaliados por estarem envolvidos com a identidade, percepção e vivência do trabalhador.

O perfil do docente vem passando por uma mudança peculiar diante da inserção no ambiente competitivo, com cobrança de acúmulo de competências, tensão constante no exercício de seu trabalho, além de entrar no domínio das preocupações organizacionais, tais como produtividade, plano de carreiras, gerenciamento de impressões e demandas de competitividade profissional que escravizam os docentes, ampliando a concorrência entre os profissionais da área.

Desempenhar o papel docente, na sociedade atual, requer do profissional de educação muito mais do que o ensinar em sala de aula. A docência vem se configurando como uma atividade que demanda esforços técnicos que vão além de habilidades de ensino. As peculiaridades da organização de ensino superior, com seus diferentes contextos sociais nos quais os alunos estão inseridos, as necessidades e desejos distintos do alunado, exigem dos docentes capacitação além do caráter pedagógico do ensino, diante da responsabilização pelo desenvolvimento psicossocial dos seus alunos, como já salientava Begoña e Romaña (1999)

O trabalho dos docentes se localiza em um ambiente de dominação e submissão dos sujeitos, pelo capital, mas que estas, aliadas à resistência, se comportam como uma conjunção de forças, nas quais o conflito é o elemento central, e, ao se falar em conflito, remete-se ao embate, ao sofrimento. O uso da criatividade e a possibilidade de expressar uma marca pessoal também são fontes de prazer e, ainda, o orgulho e admiração pela produtividade, aliados ao reconhecimento da chefia e dos colegas, além da adequada remuneração pela atividade desempenhada.

Tantas condições apontam a situação de exploração, adoecimento, mudanças de perfil e configurações que levam ao sofrimento e adoecimento por conta das condições vivenciadas no novo contexto de trabalho do docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão sobre a precariedade laboral pode ser considerada como um tema bastante difundido, mas ao mesmo tempo inesgotável, tendo em vistas as dimensões que assume na contemporaneidade. Como apontam Clegg e Hardy (2012) pesquisa possui um pontapé inicial de discussão não devendo ser um ideal seu fechamento, mas um horizonte infinito de possibilidades. Assim, o estudo sobre as consequências do contexto das transformações do

mundo do trabalho nas universidades privadas e o trabalho docente é algo que ainda precisa ser mais implementando como área de crucial pesquisa para prevenção e ações de intervenção.

A relação subjetiva com o trabalho tem consequências para além do espaço da organização, atingindo o espaço fora do trabalho. Na atualidade a separação clássica em dentro do trabalho e fora do trabalho não tem mais sentido diante da atual realidade.

Ser docente requer saberes e conhecimentos científicos, pedagógicos e educacionais, sensibilidade, indagação teórica e criatividade para encarar situações ambíguas e conflituosas no ambiente de trabalho. Sob esse aspecto, os docentes atuam nas “arenas dramáticas e intelectuais”, vivenciando relações de conflito entre indivíduo e trabalho, no entanto as condições laborais estão entrando em conflito com essa realidade, diante do contexto do capital e sua ideologia de produção acima de qualquer condição, impactando diretamente nos resultados, ações e saúde dos docentes.

O trabalho do professor, visto na perspectiva da relação entre processo de trabalho e a saúde, não apresenta, de uma forma geral, o mesmo destaque de investigação científica que outras categorias do setor industrial e de serviços, no entanto essa é uma área que vem sofrendo várias condições de expropriação e perda de identidade diante das transformações decorrentes das mudanças do trabalho, bem como suas condições no aspecto privado e suas consequências no aspecto psicológico, social e laboral.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Campinas, SP, Cortez, 2003.

BEGOÑA, G. S.; ROMANÍA, M. T. **Ser professor:** Palabras sobre la docência universitária. Universidad de Barcelona, 1999.

BENDASSOLLI, P. F. **Mal estar no trabalho:** do sofrimento ao poder de agir. Revista Mal Estar e Subjetividade, 11(1), 65- 99.. 2011.

CLEGG, S.R., HARDY,C. Introdução: organização e estudos organizacionais. In: CLEGG, S.R., HARDY, C., NORD, W.R. **Handbook de estudos organizacionais.** São Paulo, Atlas, 2012.

CODO, W. **Educação:** carinho e trabalho. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

COLLIS, J; HUSSEY,R. **Pesquisa em administração:** Um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

CRESPO, E., & SERRANO, A. **Paradoxes of European Employment Policies: From Fairness towards Therapy.** Universitas Psychologica, 12(4), 1113-1126. 2013

DEJOURS, C. A carga psíquica do trabalho. In DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho.** São Paulo: Atlas, 2004.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho.** 5ª Edição. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. A carga psíquica do trabalho. In DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho.** São Paulo: Atlas S.A, 1994.

_____. **A banalização da injustiça social.** Rio de Janeiro: FGV, 1999.

ESTEVE, J. M. **Mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores.** São Paulo: Edusc, 1999.

FRANCO, M. E. D. P. Comunidade de conhecimento, pesquisa e formação do professor do ensino superior. In: MOROSINI, M.C. (Org.) **Professor do ensino superior: identidade, docência e formação.** 2. ed. Brasília: Plano, 2001

FREITAS, C. R.; CRUZ, R.M. **Saúde e trabalho docente.** In: XXVIII Encontro Nacional de Engenharia de Produção, 2008, Rio de Janeiro. A integração de cadeias produtivas com a abordagem da manufatura sustentável, 2008. p. 1-15.

GARCIA, P.L.; BENEVIDES PEREIRA, A.M.T. **Investigando o burnout em professores universitários.** Revista eletrônica Interação Psi. Agosto 2003

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.

JACQUES, M. G. C. **O nexos causal em saúde/doença mental no trabalho: uma demanda para psicologia.** Revista Psicologia e Sociedade, 19, Edição especial 1, 2007.

LAHER, R. **Projetos e modelos de autonomia e privatização das universidades públicas.** Revista da ADUEL. Londrina, 2003. Acesso em: 16 de abril de 2016. Disponível em: http://www.aduel.org.br/revista%20autonomia/auton_priv.pdf

LAURELL, A. C.; NORIEGA, M. **Processo de produção e saúde: trabalho e desgaste operário.** São Paulo: Hucitec, 1989.

LEITER, M. P., BAKKER, A. B., & MASLACH, C. **Burnout at work.** New York: Taylor & Francis. 2014

LEMONS, J. C. **Carga psíquica no trabalho e processos de saúde em professores universitários.** Florianópolis, 2005. Tese (doutorado em Engenharia de Produção e Sistemas) – Universidade Federal de Santa Catarina.

LOWMAN, J. **Dominando as técnicas de ensino.** São Paulo: Atlas, 2004.

MANCIBO, D. **Trabalho docente: subjetividade e sobreimplicação.** Psicologia: Reflexão & Crítica, Porto Alegre: UFRGS, 2005.

NARDI, H. C. **Ética, trabalho e subjetividade**: trajetórias de vida no contexto das transformações do capitalismo contemporâneo. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 2006.

REED, M. Teorização Organizacional: um campo historicamente contestado. In: CLEGG, S.R., HARDY, C., NORD, W.R. **Handbook de estudos organizacionais**. São Paulo, Atlas, 2012.

SELIGMANN-SILVA, E. **Desgaste mental no trabalho dominado**. São Paulo: Cortez, 1994.

SERRANO PASCUAL, A., & CRESPO Suárez, E. **The government of activation policies by EU institutions**. *International journal of sociology and social policy*, 27(9/10), 376-386. 2007

SCOTT, A. J. (2007). **¿Capitalismo y urbanización en una nueva clave?** La dimensión cognitivo-cultural. *Tabula Rasa*, (6). 2007.